



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CAMPUS MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS – CMC
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS – DLCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS- INGLÊS

KALIDIA KEYTE DE MORAIS ALVES

**DISCURSOS SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO
INSTAGRAM: DA (RE)ATUALIZAÇÃO DO MITO DO FALANTE NATIVO À
HIPERVALORIZAÇÃO DA CULTURA ESTADUNIDENSE**

Caraúbas- RN

2022

KALIDIA KEYTE DE MORAIS ALVES

**DISCURSOS SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO
INSTAGRAM: DA (RE)ATUALIZAÇÃO DO MITO DO FALANTE NATIVO À
HIPERVALORIZAÇÃO DA CULTURA ESTADUNIDENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao curso de Licenciatura em
Letras/Inglês da Universidade Federal Rural do
Semi-Árido, como requisito parcial para
conclusão de curso.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva

Caraúbas- RN
2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

A474d Alves , Kalidia Keyte de Moraes .
 Discursos sobre o ensino e a aprendizagem de
 língua inglesa no Instagram: da (re)atualização do
 mito do falante nativo à hipervalorização da
 cultura estadunidense. / Kalidia Keyte de Moraes
 Alves . - 2022.
 46 f. : il.

 Orientador: Francisco Vieira Da Silva .
 Monografia (graduação) - Universidade Federal
 Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Inglês,
 2022.

 1. Discurso. 2. Instagram. 3. Falante Nativo.
 4. Língua Inglesa. I. Vieira Da Silva , Francisco
 , orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Dalvanira Brito Rodrigues
CRB: 15/700

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

**DISCURSOS SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO
INSTAGRAM: DA (RE)ATUALIZAÇÃO DO MITO DO FALANTE NATIVO À
HIPERVALORIZAÇÃO DA CULTURA ESTADUNIDENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao curso de Licenciatura em
Letras/Inglês da Universidade Federal Rural do
Semi-Árido, como requisito parcial para
conclusão de curso.

Caraúbas- RN, 21 de Novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva – Orientador
UFERSA

Prof. Dr. Anderson Romário Souza Silva – Examinador Interno
UFERSA

Prof. Dr. Jeová Araújo Rosa Filho – Examinador Interno
UFERSA

Caraúbas- RN
2022

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, pelo fôlego da vida, pela força e por ter cuidado do meu caminho até aqui. Obrigada senhor! Toda honra e glória sejam dadas a ti!

Aos meus pais, Antonio Alves e Maria Ilmar, que são minha motivação diária. Meus maiores exemplos de luta e humildade. Obrigada por sonharem junto comigo! Essa conquista é de vocês e por vocês. Nós conseguimos! Amo vocês.

Ao meu querido irmão, Davi Luiz, que é minha alegria, minha força! É por você, meu pequeno. Te amo muito.

Ao meu namorado, Alessandro, que sempre esteve ao meu lado durante toda essa trajetória. Por todas as palavras de incentivo, carinho e respeito. Nós conseguimos!

Ao meu querido orientador, Professor Dr. Francisco Vieira da Silva, que contribuiu de uma forma tão significativa durante a minha jornada acadêmica. Que honra a minha ser sua aluna e orientanda. Obrigada, por todo conhecimento, empenho, incentivo, paciência e por acreditar juntamente comigo nesta pesquisa.

Aos meus professores, pelo carinho e por todos os ensinamentos.

Gratidão aos meus amigos, Paulo André, Mônica e Raila, por todos os momentos compartilhados durante essa longa jornada da graduação. Por todos os trabalhos em grupo e torcida.

De modo geral, obrigada aos meus familiares e amigos que estiveram comigo nessa etapa tão importante e singular.

Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.

(Provérbios 16:3)

Resumo: O presente trabalho pretende analisar os discursos midiáticos em perfis do Instagram voltados para o ensino e a aprendizagem de língua inglesa, de modo a investigar as relações de poder na construção de verdades sobre a língua inglesa, a partir da (re)atualização do mito do falante nativo e a hipervalorização da cultura estadunidense. Para ancorar teoricamente o estudo, amparamo-nos nas investigações de Foucault (1995,1996), Moita Lopes (2002,2003,2008), Crystal (2005), Rajagopalan (2008,2019) Canagarajah (2005), Anjos (2011, 2019), Salles e Gimenez (2010). Sobre a metodologia, trata-se de um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. O *corpus* da pesquisa foi constituído por cinco postagens analisadas dos seguintes perfis no Instagram: @Change_conversacao, @serfluenteagora, @inglescombru, @profwillybrasil, @Talkthetalk.english e @seja_fluente. Por meio das análises das materialidades discursivas foi possível constatar a (re)atualização do falante nativo, pois são considerados os detentores da língua e os únicos que possuem competência linguística para fazer uso do idioma com maestria. Em complemento, tem-se a reiteração da cultura estadunidense como símbolo de status e de modelo a ser copiado.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Instagram. Falante Nativo. Língua Inglesa.

Abstract: This research intends to analyze the media discourses in Instagram profiles aimed at teaching and learning English, in order to investigate the power relations in the construction of truths about the English language, from the (re)update of the native speaker myth. and the overvaluation of American culture. The aid for the development of this study, we base ourselves on the investigations of Foucault (1995,1996), Moita (2002,2003,2008), Crystal (2005), Rajagopalan (2008,2019) Canagarajah (2005), Anjos (2011, 2019)), Salles and Gimenez, (2010). About the methodology, it is a descriptive-interpretative study of a qualitative nature. The research corpus consisted of five posts analyzed from the following profiles on Instagram: @Change_conversacao, @serfluenteagora, @inglescombru, @profwillybrasil, @Talkthetalk.english and @seja_fluente. Through the analysis of the discursive materialities, it was possible to verify the (re)updating of the native speaker, as they are considered the holders of the language and the only ones who have the linguistic competence to use the language with mastery. In addition, there is the reiteration of American culture as a status symbol and a model to be copied.

KEY WORDS: Discourse. Instagram. Native speaker. English language.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	Inglês no mundo globalizado	15
2.2	O mito do falante nativo	18
2.3	Inglês como idioma de prestígio e poder: um enfoque discursivo	20
2.4	Contemplação do outro x Identidade	23
3	ANÁLISE DAS MATERIALIDADES DISCURSIVAS	25
3.1	<i>Escola de idiomas Change</i>	26
3.2	<i>Ser fluente agora</i>	28
3.3	<i>Talk the talk</i>	31
3.4	<i>Nem fala inglês e quer comemorar “valentine’s day</i>	33
3.5	<i>Professor Willy: Nosso curso de pronúncia está pronto!</i>	36
3.6	<i>Escola de idiomas: seja fluente!</i>	39
4	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagina a cena: pra fazer americano achar que você é nativo	26
Figura 2 -Galera!!Eu desenvolvi um método de estudo que é literalmente a prova de falhas!	29
Figura 3 - Uma das melhores sensações de realização que você pode sentir!	31
Figura 4 - -Nem fala inglês e quer comemorar “valentine’s day”.	33
Figura 5 - Nosso curso de pronúncia está pronto	37
Figura 6 - inglês Americano da forma correta	38
Figura 7 - aprenda a falar inglês com um professor nativo.	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA	Estados Unidos da América
FN	Falantes Nativos
ILF	Inglês como Língua Franca
L1	Língua Materna
LE	Língua Estrangeira
LF	Língua Franca
ONU	Organização Das Nações Unidas

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os *sites* de redes sociais vieram para conectar e permitir a interação entre as pessoas de diferentes lugares do mundo e das mais diversas culturas por meio do uso destas plataformas digitais. De acordo com Recuero (2009, p. 29), “[...] rede social é gente, é interação, é troca social”. Assim, as redes sociais tem como objetivo possibilitar a interação entre pessoas, uma vez que são elas que constituem esse meio digital. Conforme Kenski (2003, p. 20), “As novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos.” Compreende-se assim, que as redes sociais são espaços virtuais, onde sujeitos de diferentes culturas, religiões, nacionalidades e que podem estar geograficamente a milhares de quilômetros de distância, conseguem virtualmente se conectarem umas às outras por meio do uso destas plataformas digitais. Além disso, os discursos produzidos pelos sujeitos no meio virtual podem alcançar milhares e milhares de pessoas.

Com a globalização, as redes sociais estão cada vez mais ganhando novos usuários. De acordo com o estudo Digital 2022: Global Overview Report, publicado pelo *site* Datareportal, em janeiro de 2022, o número de usuários ativos que fazem uso das redes sociais alcançou a marca de quase 5 bilhões, isto é, que usam algum tipo de rede social regularmente. Em proporções, isso representa quase 63% da população mundial.

E incontestável o crescente interesse da população, desde os mais jovens até os idosos pelo uso dos aparelhos móveis conectados facilmente a internet, o que automaticamente nos faz refletir como o crescente uso do celular e das redes sociais podem possibilitar o ensino/aprendizagem por meio destes. Dentre os grandes números de redes sociais disponíveis, exemplo, *WhatsApp, LinkedIn, Facebook, Youtube, TikTok, Twitter*, entre outras. Destacamos a rede social *Instagram*, que no ano de 2021, tornou-se a segunda maior rede social do mundo e alcançou a marca de 2 bilhões de usuários.

Destaca-se ainda que no Brasil, o *Instagram* é uma das redes sociais com os maiores números de acessos e perfis cadastrados e ressalta-se que a participação dos usuários brasileiros nesta rede social é maior que a média global. Ainda de acordo com a pesquisa realizada pela companhia Statista no ano de 2021, o Brasil passou a ser o terceiro país com

mais usuários ativos no *Instagram*, alcançando a marca de 99 milhões de brasileiros que diariamente usam esta plataforma.

Os perfis no *Instagram* são criados para diferentes funções, que vão desde os pessoais, onde as pessoas compartilham fotos, vídeos, *stories* sobre a sua vida cotidiana, a perfis de contas comerciais, de empreendedores, dentre outros. A rede social antes referida também chama a atenção para os inumeráveis perfis destinados às escolas de língua inglesa e, como consequência, diversos discursos sobre o ensino e a aprendizagem desse idioma. Segundo Araújo (2020, p. 3), “Talvez seja pelo fato de o *Instagram* ser tão apreciado pelos brasileiros que também tenha se tornado um espaço digital de busca pela aprendizagem de línguas estrangeiras.” De todo modo, ao fazer uma busca rápida neste meio virtual com a palavra “inglês”, em questão de segundos, emergem diversos perfis voltados para o ensino e aprendizagem de inglês, bem como hashtags¹ relacionadas ao tema. Por exemplo, #inglesonline, #inglesfluente, #inglesdeverdade, entre outras.

Conforme Vian Junior (2012), inúmeros fatores contribuíram para que o inglês se tornasse a língua mais vinculada à internet, dentre os quais podem se destacar os eventos políticos e empresas que participaram diretamente para que a globalização da comunicação ocorresse em língua inglesa. O autor ainda frisa que várias palavras da língua inglesa foram adicionadas para fazer referência a vários termos pertencentes à comunicação via internet. Em concordância, Vasconcelos e Siqueira (2021, p. 53) avaliam: “Aos olhos do mundo, o inglês passa então a representar o capitalismo, o sucesso, o desenvolvimento, as liberdades, o livre mercado, o cristianismo e, acima de tudo, a democracia”.

Salienta-se, ainda, o fato de o inglês receber várias denominações e classificações. Dentre elas, a denominação como sendo uma língua franca (LF). Isto significa que a língua inglesa recebeu o status de língua oficial utilizada para fins comunicativos internacionais entre falantes não-nativos de inglês. De acordo com Graddol (2006), considerando o inglês como uma língua franca (ILF), a inteligibilidade é mais importante do que a conformidade, perfeição ao nível de falante - nativo.

Analisando a Base Nacional Comum Curricular (2018) sobre o ensino de língua inglesa, considera-se que o ensino de inglês deve ser voltado para o *status* de língua franca. Nesta perspectiva, o ensino de inglês não deve ser mais centrado nos países tidos como

¹ Hashtag é um termo relacionado aos tópicos que podem ser pesquisados nas redes sociais, adicionando o símbolo do “jogo da velha” (#) antes da palavra, frase ou expressão que deseja procurar.

hegemônicos e possuidores da língua ao qual os seus falantes eram considerados com um modelo padrão a ser seguido e nem tampouco uma variante privilegiada.

Gimenez (2015, p. 596) pondera que “A conceituação do inglês que o afasta das normas do falante nativo tem colocado em xeque os construtos tradicionalmente empregados na linguística calcada exatamente em intuições de nativos ou aspectos puramente formais.” Segundo Moita Lopes (2005), o número de pessoas que aprendem inglês é superior a mais de 1 bilhão, sendo que 375 milhões falam inglês como primeira língua e 750 milhões fazem uso do inglês como segunda língua. Isso significa que a quantidade de falantes não nativos que fazem uso da língua inglesa para se comunicar é superior a falantes nativos.

Porém, propagandas de cursos de idiomas, por exemplo, mostram como atrativo principal a ideia de o sujeito conseguir falar como um falante nativo ou mostram o perfil americano como um modelo a ser copiado. O fato é que, historicamente, existiu uma valorização da cultura americana e que o Brasil não ficou de fora. O *American Way of Life* (estilo de vida americano), incentivado por meio da mídia, principalmente pelo cinema, que até meados da década de 1950 era o principal veículo de propaganda, foi o responsável em propagar em seus filmes o estilo de vida americano, que se caracterizava em mostrar que o capitalismo era o que garantia o bem-estar da população e que a cultura americana, que tinha como principal característica o consumo, deveria ser vista como um modelo a ser imitado por todos.

O Brasil também sofreu influência do estilo de vida americano, que teve seu marco inicial quando os EUA passaram a exportar produtos domésticos e, em seguida, vários outros, como, por exemplo, refrigerantes, chicletes e carros.

Para Palma (2011), ao consideramos a concepção do falante nativo como um modelo perfeito a ser copiado ocasiona uma negação do falante não nativo. Além disso, tal concepção mostra-se excludente e problemática, uma vez que coloca o falante nativo como o único detentor de um conhecimento profundo da sua língua e o único que detém poder para usa-la sem cometer erros; em contrapartida, a figura do falante não nativo é marginalizada, em virtude de não conseguir alcançar esse modelo impecável e que não comete nenhuma falha a respeito da língua.

Ainda é indiscutível que, mesmo com os inúmeros estudos e autores que defendem o ensino de língua inglesa em seu caráter de LF, em relação do *status* que este idioma alcançou, segundo Viegas (2012), no Brasil ainda parece haver uma tendência a se considerar apenas o inglês britânico e americano, desconsiderando-se as variantes de língua inglesa pertencente aos outros países e causando uma hegemonia única e exclusivamente a estas duas culturas.

Deste modo, a importância de analisar discursos sobre língua em inglesa em perfis de *Instagram*, com foco em observar como esses discursos colaboram para a (re) utilização do mito falante nativo e como constroem sentidos sobre a valorização da cultura estadunidense em comparação a cultura de outros países que também tem o inglês como língua oficial, dar-se pela necessidade de tentar compreender a construção de verdades segundo as quais o inglês pertence a um único país ou que uma cultura é superior ou mais importante do que as demais culturas de outros países.

Além disso, esta pesquisa pode descortinar como esses discursos que circulam no espaço digital contribuem para que o seu os usuários do *Instagram* continuem se identificando com esses discursos que fixam o inglês somente na cultura estadunidense, a despeito de toda a discussão acerca do inglês como língua. Esse estudo se materializa por considerar ser de extrema importância que se empreenda uma análise sobre os discursos que circulam na rede social *Instagram* sobre língua inglesa, tendo em vista o grande número de usuários de diferentes culturas que estão inseridos neste meio virtual e conectados uns aos outros.

Destarte, como futura professora de língua inglesa, faz-se necessário e de extrema importância saber quais os discursos que circulam a respeito do inglês e como eles podem influenciar os sujeitos em sua trajetória de aprendizagem. Ter conhecimento sobre esses discursos ainda possibilita que os professores e futuros professores de inglês tenham uma visão crítica e reflexiva de como abordar e ensinar inglês nos dias atuais. Pensamos, ainda, que na construção desses discursos podem ser estabelecidas relações de poder a respeito da língua inglesa como propriedade de determinadas culturas. Considerando-se a BNCC (2018) no que refere-se às competências no ensino de língua inglesa, destacamos a competência de número 5 que explica sobre a importância de “Utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável. (BRASIL, 2018, p. 248)

No tocante aos estudos já desenvolvidos a respeito do tema, destaca-se o trabalho realizado de Araújo (2020), em que o autor descreve a vivência de uma pesquisa ao qual tinha como objetivo principal analisar o ensino/ aprendizagem de língua inglesa na rede social *Instagram*, desde a criação do perfil na plataforma até as interações com as publicações. Os resultados foram proveitosos e que contribuíram positivamente para o ensino em sala de aula. Além disso, é chamada a atenção para o fato que “ Em 40 dias de criação a conta já tinha alcançado mais de 900 inscritos” (ARAÚJO, 2020, p.6). Assim, compreende-se que em

curto prazo de tempo houve um significativo e expressivo número de usuários que procuraram o perfil criado para aprenderem inglês.

Considerando o que foi dito, partimos da seguinte questão de pesquisa: como os discursos sobre o ensino da língua inglesa, veiculados em perfis do Instagram, constroem a (re) atualização do mito do falante do nativo e sentidos de hipervalorização da cultura estadunidense?

A partir dessa inquietação inicial, avançamos para os nossos objetivos específicos, a saber: a) descrever as condições de emergência dos discursos sobre a língua inglesa no *Instagram*. b) investigar as relações de poder na construção de verdades sobre a língua inglesa, a partir da (re) atualização do mito do falante nativo e o sentido de hipervalorização da cultura estadunidense.

Em relação à metodologia, trata-se de um estudo descritivo-interpretativo, de abordagem qualitativa, que terá como corpus postagens da rede social *Instagram*. A pesquisa qualitativa é um tipo de investigação científica voltado para o exame dos aspectos qualitativos de uma determinada questão, sem levar em conta variáveis controladas, dados estatísticos e numéricos.

Para Minayo (2001, p. 22), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Já a pesquisa descritiva, de acordo com Silva e Menezes (2000, p.21), tem como objetivo descrever as características de uma determinada população ou fenômeno, assim como o estabelecimento de relações entre variáveis e fatos. Trata-se, ainda, de um estudo de cunho interpretativo, na medida em que nos interessa descrever e interpretar os discursos acerca do ensino da língua inglesa, especificamente em relação à hipervalorização da cultura estadunidense.

No que se refere à organização retórica, o presente trabalho é composto por seções distribuídas, sendo a introdução, fundamentação teórica ao qual é apresentada por quatro (4) tópicos; inglês no mundo globalizado, o mito do falante nativo, inglês como idioma de prestígio e poder: um enfoque discursivo e contemplação do outro x identidade. Logo em seguida, apresentamos as análises das materialidades discursivas das postagens selecionadas nos perfis de *Instagram* e por fim, as considerações finais da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, serão apresentados os principais teóricos que falam a respeito da língua inglesa e como o inglês se tornou um idioma de poder e prestígio. Inicialmente, discute-se sobre a globalização impulsionada principalmente pelo advento da internet e como tais fatores contribuíram para que a língua inglesa chegasse ao patamar que ocupa nos dias atuais. Em seguida, falaremos sobre o inglês no mundo globalizado. Ainda será abordado o mito do falante nativo. E, por último, como que os sujeitos que não pertencem às culturas hegemônicas podem desejar incorporar costumes e valores dos povos destas culturas.

2.1 Inglês no mundo globalizado

O inglês é atualmente o idioma mais falado no mundo. Com o processo de globalização, que até os dias atuais ainda está em sua onda de crescimento pelo mundo, o inglês cada vez mais ganha força por intermédio das mídias digitais, principalmente pelo uso da internet. Assim, ocorreu a necessidade de as pessoas de diferentes países precisassem escolher uma língua para comunicar-se. O idioma escolhido para tal função foi o inglês. De acordo com Moita Lopes (2008, p. 314), atualmente, “A estimativa é que mais de 1 bilhão de pessoas aprendam inglês atualmente”. O fato é que o inglês tornou-se a língua oficial do mundo dos negócios, das mídias e também das produções acadêmicas.

Desta forma, Hernandez (2012) explica que no setor da cultura, a língua inglesa está constantemente presente. Isso em virtude da grande indústria cinematográfica americana, fazendo assim com que os filmes, programas de televisão americanos, exemplo, seriados, desenhos, sejam consumidos diariamente em todo o mundo. A autora ainda frisa que no campo da música ao qual ela domina como “música da moda”, com ênfases para o rock, hip hop, eletrônico, é ouvida e cantada em inglês por inúmeras pessoas em todo o planeta.

De acordo com Breton (2005), o inglês nos dias atuais alcançou o patamar de língua oficial das grandes organizações internacionais, como, por exemplo, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM). Ainda destaca-se, segundo o autor, que o inglês se tornou a língua da comunicação global para discutir sobre finanças e negócios, com a supremacia de Wall Street e The City. Breton (2005, p. 16) ainda afirma que “o inglês está um

pouco presente em todos os lugares do mundo”. Isto é fato, o inglês hoje está presente nas propagandas, redes sociais, programas de televisão, artigos científicos e jogos, entre outros meios dos setores sociais.

Anjos (2019, p. 23), por sua vez, colabora com essa ideia, ao salientar “Saber usar a língua inglesa é ter em mãos as chaves de acesso ao mundo acadêmico, dos negócios, da educação, dos esportes, da diplomacia, do marketing, do meio científico, do turismo.” Assim, de acordo com a matéria publicada pelo *site* El País em julho do ano passado, mostrou que do total de artigos publicados em revistas científicas no ano de 2020, 95% foram escritos em língua inglesa e somente 1% em espanhol e português. Os dados são do pesquisador Ángel Badillo, um dos mais importantes e conhecidos do Real Instituto Elcano. Em conformidade com os dados apresentados, Pilatti e Santos (2011) afirmam que 75% das correspondências mundiais são escritas em língua inglesa. Além de 90% de todas as informações no meio virtual encontrarem-se em inglês.

Desta forma, Siqueira e Anjos (2011) reforçam a afirmação acima e mostram que inglês se tornou a segunda língua de comunicação na maior parte dos países. “É a língua dos esportes, do cinema, da internet. Está presente nos restaurantes, hotéis, nas rodadas de negócios, nos aeroportos, congressos internacionais, na diplomacia, nos meios científicos e etc.” SIQUEIRA; ANJOS, 2011, p.135). Ressaltamos, que de acordo com Magalhães (1999) que o inglês se tornou a língua utilizada para a maioria dos documentos das Organizações das Nações Unidas (ONU)

A ONU adota seis línguas para suas traduções oficiais (inglês, francês, espanhol, russo, árabe e chinês). O inglês e o francês são considerados idiomas de trabalho. Na prática, porém, 90% dos documentos preparados pela Secretaria Geral da entidade são redigidos apenas em inglês. (MAGALHÃES, 1999, p.04)

Dando continuidade, Berger (2005) argumenta que aprender inglês cada vez mais se torna relevante dentro do processo de formação do próprio cidadão. Segundo a autora, a língua inglesa constitui-se atualmente em uma necessidade para a formação completa dos sujeitos e dos profissionais, visto que “Cresce a exigência do mercado de trabalho, em relação ao perfil do trabalhador, que ele domine tal idioma. Aliado a isso, está a aplicação das Novas Tecnologias da Comunicação e Informação nas diversas instâncias da sociedade, inclusive na educação, em especial através do uso da Internet” (BERGER, 2005, p.13-14).

Viegas (2018) assinala que a posição que o inglês alcançou hoje como sendo uma língua internacional colocou em xeque as questões das variedades do inglês. Além disso, o autor ainda

irá levantar questionamentos a respeito da língua inglesa, tais como: quem fala inglês hoje? Qual inglês está sendo falado ao redor do mundo?

Primeiramente, para entender a tamanha proporção que o inglês alcançou, Kachru (1985) sugeriu que, ao pensássemos na propagação da língua inglesa pelo mundo, levasse em conta a existência os três círculos concêntricos, os quais irão refletir as diferentes maneiras pelas quais o inglês foi adquirido e usado. O primeiro círculo é o “inner circle”, onde estão os países onde a língua inglesa tem o caráter de língua materna (EUA, Reino Unido, Austrália e Canadá). O segundo círculo recebe o nome de “outer circle”, o qual englobam os países que adotam a língua inglesa como segunda língua em contexto multilíngue (Singapura, Índia, Filipinas e Nigéria, por exemplo). O terceiro e último círculo recebe o nome de “expanding circle”, que é composto pelo os países onde a língua inglesa é ensinada como língua estrangeira (como o Japão, a China e o Brasil).

Ao consideramos os círculos concêntricos sugerido por Kachru (1985), percebe-se que a língua inglesa acabou sendo disseminada de três formas distintas entre os países do mundo com objetivos diferentes. Ao analisamos o segundo (“outer circle”) e terceiro (“expanding circle”) círculo, verifica-se que, levando em consideração os números populacionais dos países que fazem parte dos dois círculos mencionados acima, a quantidade de falantes não-nativos, isto é, que não tem a língua inglesa como língua materna, que fazem uso do inglês para comunicar-se é superior o número de falantes nativos. Assim como podemos compreender ao interpretar os dados mostrados por Crystal (2005)

Se, então, somarmos os três totais — os cerca de 400 milhões que usam o inglês como primeira língua, mais os também cerca de 400 milhões que o usam como segunda língua, e os cerca de 600 milhões que o empregam como língua estrangeira —, teremos por fim um total absoluto de um bilhão e 400 milhões. Isso em números arredondados significa um quarto da população mundial (mais de seis bilhões em 2000). Nenhuma outra língua é usada em tão larga escala — seja numericamente ou com semelhante alcance geográfico. (CRYSTAL, 2005, p.22).

Crystal (2005) chama a atenção para a expansão do inglês em escala mundial. O autor mostra que quase um quarto da população faz uso da língua inglesa para fins comunicativos. Os dados ainda revelam que o número de falantes não nativos é proporcionalmente maior em relação a aqueles que tem o inglês como língua materna. O autor ainda destaca que nenhuma outra língua é tão usada quanto o inglês, assim, compreende-se que tais números mostram como a língua inglesa conseguiu alcançar a posição que desfruta atualmente.

2.2 O mito do falante nativo

Chomsky (1978) definiu o falante nativo como sendo o único que conhece sua língua materna com perfeição e que é livre de cometer erros durante o uso da língua.

um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitamente e que, ao aplicar o seu conhecimento da língua numa performance efetiva, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais ou característicos). (CHOMSKY 1978, p. 83-84)

Compreende-se que, de acordo com Chomsky (1975), o falante nativo é considerado como alguém privilegiado, uma vez que, por ser nativo ele é possuidor desta língua. Assim, o falante nativo é tido como um sujeito conhecedor de todas as particularidades e implicações da sua língua materna, em todos os campos fonológicos, morfológicos, semânticos e fonéticos. Porém, sabe-se que o indivíduo que faz uso da sua língua materna para se comunicar, está sujeito a ter lapsos e a cometer erros. Isso devido ao fato que mesmo sendo um falante nativo não necessariamente ele é conhecedor de todas as normas gramaticais da língua.

O mito do falante nativo é algo bastante problematizado nos dias atuais, ainda é notório que a figura do FN ainda é entendida como um molde ao qual o aprendiz precisaria se encaixar e imitá-lo, para que assim aproxime-se dessa variedade julgada como padrão. As propagandas de cursos de inglês, por exemplo, destacam como atrativo principal a ideia do sujeito aprendiz de língua inglesa a falar verdadeiramente como um falante nativo.

Desta forma, Palma (2011, p.28) frisa que o “O falante não-nativo é avaliado tomando-se como referência o falante nativo, considerado sempre proficiente e capaz de utilizar essa língua padrão em qualquer situação, por conhecê-la e dominá-la perfeitamente.”. Ainda destaca-se que, de acordo com Salles e Gimenez (2010, p.27), “No conceito de língua estrangeira, o falante nativo é visto como o modelo ideal a ser seguido; há o privilégio do ensino da cultura dos países que falam o inglês como língua materna e o ensino de gramática e pronúncia são os focos principais.” Porém, tais comparações são extremamente problemáticas, uma vez que o sujeito aprendiz entende que para falar inglês ele tem que seguir um padrão perfeito, de uma competência sem erros, de um nível de proficiência inacessível, devido à figura do falante nativo ser descrita com um exemplo de perfeição e isento de falhas.

Segundo Anjos (2019, p. 61-62), “o inglês padrão, das culturas hegemônicas, tem sido posto em muitos contextos de aprendizagem como modelos ideal, cujo falante nativo é construído cartesianamente, como usuário/detentor de uma língua homogênea.” Isto é, para que

os indivíduos sejam considerados aptos a fazerem uso da língua, obrigatoriamente eles têm que seguir e copiar o modelo de um falante nativo, como se estes fossem o possuidor dela. Desconsiderando assim, o objetivo ideal que seria a comunicação. Uma vez que, neste caso a coisa mais importante seria o fato do sujeito aprendiz “imitar” um nativo, e não a inteligibilidade durante a comunicação. Além disso, as comparações entre o falante nativo e não-nativo gera uma falsa avaliação sobre o desempenho do aprendiz, o que pode gerar um complexo de inferioridade e segregação do sujeito. Deste modo, Palma (2011, p. 30) elucida que “Esse mito do falante nativo onisciente com relação à própria língua atribui ao nativo a autoridade e o arbítrio sobre qualquer aspecto linguístico, marginalizando o falante não-nativo através de avaliações comparativas de seu desempenho, sempre considerado abaixo do padrão nativo.”

Segundo Canagarajah (2005), é importante mencionar que o inglês é mais usado em contextos multilíngues, onde a interação acontece em sua maioria entre falantes não nativos. O autor ainda destaca que, desta forma, o inglês não deve ser mais considerado como uma língua pertencente a determinados povos, exemplo, Estados Unidos ou Inglaterra, mas, sim, como propriedade de todos aqueles que faz uso do inglês para se comunicarem.

Assim, como já explicado anteriormente neste trabalho, outro dado importante é em relação ao número de falantes não nativos que fazem uso da língua inglesa para fins comunicativos, onde consta-se que eles (falantes não nativos) são a maioria em comparação a falantes nativos. Ademais, é indiscutível que os falantes não nativos são extremamente importantes e que contribuíram de forma significativa para que o inglês alcançasse o *status* que tem hoje. Posto isso, Viegas (2018, p.5) irá questionar que “Quando tantas pessoas não nativas da língua a utilizam para a comunicação, por que haveria a necessidade de imitação das variedades nativas?”. Diante o exposto, se faz necessário pensar qual ou quais as variedades linguísticas que são classificadas como padrões, e quais outras, que em virtude disso, são silenciadas por não serem consideradas como variedades nativas padrões ou “corretas”.

Desta forma, considerando o ensino de línguas, com base na abordagem comunicativa, onde o principal objetivo seria assegurar aos aprendizes conhecimentos para que ocorra uma comunicação efetiva. Isto é, a comunicação com princípio norteador no processo de ensino aprendizagem. Figueiredo e Oliveira (2012, p. 29) enfatizam que a abordagem comunicativa “tem o objetivo de proporcionar ao aprendiz conhecimentos linguísticos para que ele se torne habilitado a se comunicar com outros falantes, nativos ou não, da língua que está aprendendo.”

Assim, para Salles e Gimenez (2010,p.27) “[...] a comunicabilidade é mais importante do que a similaridade com o falante nativo.”

Palma (2011), por sua vez, ainda explica que é necessário que o sujeito enquanto aprendiz entenda que o inglês pelo o status que esta língua alcançou nos dias atuais, não pertence ao um determinado grupo ou que existe apenas uma variedade linguística “correta” a ser seguida. Por isso, entende-se que a figura do falante deve ser considerada apenas um mito e não de um padrão.

Para isso, é fundamental que o sujeito compreenda de que forma a noção de falante nativo constitui um mito, uma construção ideológica que visa à preservação do status de um grupo e de uma variante linguística privilegiados. É somente através da desconstrução desse mito que o sujeito pode vir a perceber seu lugar enquanto falante não-nativo como legítimo, e a aceitar de fato sua variante na língua inglesa – e as dos demais falantes não-nativos – como válidas num contexto global de comunicação. (PALMA 2011, p. 125)

Sendo assim, Higgins (2003) ainda explica que o sujeito aprendiz de língua inglesa ao compreender sua legitimidade irá possibilitar que ele tenha voz ativa perante a sociedade. A autora destaca que qualquer investimento que o sujeito falante de língua inglesa faça no sentido de aprendizagem, desenvolvimento deste idioma, faz com que a língua por sua vez se torne legítima para ele.

Desta forma, é de suma importância que o sujeito aprendiz de língua inglesa reconheça a importância do ensino/ aprendizagem voltando para a comunicação efetiva entre os indivíduos. Além de ter consciência do mito do falante nativo, uma vez que, a língua não pertence apenas a um grupo e a uma variante linguística privilegiada.

2.3 Inglês como idioma de prestígio e poder: um enfoque discursivo

Para a Análise do Discurso, é impossível tratar do discurso sem analisar o sujeito, já que ambos se formam simultaneamente e um se caracteriza pelo outro. Assim, compreende-se que os discursos produzidos pelo os sujeitos representam uma prática social onde eles por uso destes constroem relações sociais com outros indivíduos. Nessa linha de raciocínio, Moita Lopes (2002, p.31) afirma que “O discurso como uma construção social é, portanto percebido como um forma de ação no mundo.” Em concordância, Moita Lopes (2002) ainda acrescenta que “O que somos, nossas identidades sociais, portanto, são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro. (MOITA, 2002, p. 32). Isto é, as relações e a interação dos sujeitos em sociedade, por meio do uso da linguagem, constroem significados e a identidade do sujeito,

uma vez que sua prática social é construída por intermédio das práticas discursivas.

De acordo com a análise do discurso foucaultiana, os discursos são meios de poder pelo qual os sujeitos demonstram interesse e desejo.

visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1996, p.10)

Isto significa que os discursos não apenas têm que serem produzidos pelos indivíduos, mas que, os indivíduos trazem consigo o desejo que seus discursos sejam aceitos pela sociedade e que a partir de então tais discursos possam influenciar as demais pessoas sobre algo. Desta forma, de acordo com Moita Lopes (2002, p.33-34), “Os que ocupam posições de maior poder nas relações assimétricas são, conseqüentemente, mais aptos a serem produtores de outros seres, por assim dizer.”. Ou seja, quando os discursos começam a persuadir outros sujeitos a pensarem diferente, sendo favoráveis as ideias presentes em seus textos orais ou escritos, eles passam a exercer relações de poder sobre estas pessoas. Ainda de acordo com Foucault (1996), os discursos produzidos e reproduzidos pelo os sujeitos carregam consigo o desejo de exercer poder sobre os outros indivíduos.

E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? (FOUCAULT, 1996, p. 20)

Moita Lopes (2002) ainda irá explicar que as práticas discursivas regulam nossa identidade. Uma vez que não podemos ser aquilo que desejamos, embora que possamos resistir a estas práticas discursivas aceitas e consideradas como verdadeiras, por ser ditas por aqueles que detém o poder, elas influenciam e ditam como devermos ser. “A escolha de nossas múltiplas identidades não depende de nossa vontade, mas é determinada pelas práticas discursivas impregnadas pelo o poder, nas quais agimos embora posamos resistir a essas práticas.”(MOITA LOPES, 2002 p. 37) Desta forma, consideramos de grande importância pensar nas relações de poder que são estabelecidas pela língua inglesa no panorama de ocupar um papel hegemônico na sociedade.

Dentre as mais diversas distinções e classificações que a língua inglesa vem recebendo atualmente, podemos citar: língua franca, língua global e língua internacional.

Crystal (2005) explica que uma língua se torna mundial por uma razão, que seria devido o poder das pessoas que a falam. Isto é, o *status* que uma língua alcança liga-se diretamente ao poder que os seus falantes detém sobre os outros países e as demais línguas, como os poderes político (militar) tecnológico, econômico e cultural, que influenciaram o crescimento do inglês em períodos diferentes. Ainda segundo o linguista, as manifestações destas diferentes formas de poder desempenhadas pelo povo americano fez com que os Estados Unidos dominassem as principais mídias digitais e meios propagandísticos, além de contribuírem para que os EUA se tornasse a maior potência política e econômica mundial.

Foucault (1996) irá destacar que os discursos produzidos por determinados sujeitos podem não ser aceitos se eles não cumprirem determinadas exigências e qualificações impostas pela sociedade. Assim destacamos o princípio de Rarefação.

Trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo (FOUCAULT, 1996, p. 36-37).

Compreende-se, assim, que o sujeito pode procurar a aprender inglês para se torna aceito pelas culturas hegemônicas. Posto que, saber falar inglês seria um passaporte que garante ter acesso para ocupar as posições hierárquicas, em virtude da língua inglesa ser considerada como um instrumento de poder que assegura ao sujeito status perante aos demais sujeitos. Foucault (1995) propõe que nos constituímos como sujeitos, em função disso, devemos observar e analisar as relações de poder, uma vez que estas se manifestam de muitas formas, ocorrendo no cotidiano dos sujeitos, o autor ainda explica que “enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 1995 p. 232).

Deste modo, Foucault (1996) irá acrescentar a respeito, como o responsável por “(e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso.” (FOUCAULT 1996, p.39). E a língua inglesa irá funcionar como um sistema de restrição de posições que qualificam o sujeito que tem domínio desta língua.

Conforme Pennycook (2017), o inglês funciona como uma espécie de regulador para posições de prestígios em uma sociedade. Isto é, com as exigências que atualmente são impostas aos sujeitos para que tenha domínio da língua inglesa, e a posição importante e de prestígio que

o idioma ocupa na maioria dos sistemas educacionais, nos mais diversos e variados países do mundo inteiro, possibilitou que se tornasse um dos mais poderosos meios de inclusão, mas, que infelizmente, de exclusão em vários meios da sociedade, por exemplo, em vagas de emprego e posições sociais de destaque. Botelho (2008) explica que profissionais que falam inglês fluentemente ganham até 44,5% a mais do que aqueles que não sabem falar esta língua. Compreende-se que o saber falar inglês nestes casos garantem aos sujeitos melhores remunerações salariais e posições hierárquicas no ambiente de trabalho bem como status de poder e prestígio.

Em conformidade, Paiva (1999, p330) frisa que “Learning English in Brazil is seen as a mean of ascending in the social pyramid since the language has been seen as symbol of status, power, prestige, culture and technological development.”² Sobre isso, Le Breton (2005: p. 15) enfatiza que “não há nenhuma categoria humana que não seja afetada pela universalidade de difusão da língua inglesa, nem mesmo as organizações terroristas.” Deste modo, a ascensão da língua inglesa impulsionada pelo o evento da globalização que segue em sua onda de crescimento, fez com este idioma tornasse uma necessidade de aprendizagem para a sociedade. Isso é, saber falar inglês possibilita os sujeitos ocupar posições privilegiadas. Em contrapartida, os sujeitos que não sabem falar esta língua estão condenados a não fazerem parte deste mundo globalizado e nem terem acesso a os melhores cargos profissionais, as mídias e o mundo acadêmico.

2.4 Contemplação do outro x Identidade

O poder do povo americano nas mais diversas e importantes áreas globais favoreceu que a supremacia americana sobre os outros países cresça e faça emergir um certo consenso de que uma cultura é superior ou mais importante das que as outras. Os discursos que circulam nos meios digitais ou nos cinemas, que, historicamente contribuíram para que o estilo de vida americano (*American way of life*) fosse exibido como modelos a serem seguidos por todos os demais povos dos outros países. Influenciaram e influenciam para que esta concepção preconceituosa exista até os dias atuais. Siqueira (2011) explica que o sujeito tem o desejo de querer ser um modelo fiel dos povos pertencentes aos países da cultura hegemônica.

² Aprender inglês no Brasil é visto como meio de ascensão na pirâmide social, uma vez que o idioma tem sido visto como símbolo de status, poder, prestígio, cultura e desenvolvimento tecnológico. (PAIVA1999, p330) Tradução nossa.

Emanam dessas língua/culturas hegemônicas não só os modelos linguísticos e comunicativos a serem repetidos e copiados à exaustão, mas também as crenças, os valores, costumes, modos de vida, comportamentos que, nós subalternamente, nos acostumamos a idolatrar. Ainda queremos ser como eles, falar como eles, agir como eles. O inglês que queremos, por mais anacrônica que seja essa postura, ainda é o deles. (SIQUEIRA, 2011, p. 350 apud DE ALMEIDA e SILVA, 2017 p.9).

É como se os sujeitos que não fazem parte das sociedades de culturas hegemônicas carregassem consigo um sentimento de inferioridade e desejo de ser uma cópia perfeita daquilo que eles julgam como sendo o sujeito dominante e possuidor de uma cultura. Para Moita Lopes (1996), quando acaba sendo imposto ao sujeito uma pronúncia perfeita e igual a de um falante nativo e que este sujeito passe a incorporar hábitos culturais, como sendo o objetivo principal a transformação desse sujeito daquilo que ele irá chamar de cópia-xerox do falante nativo, só acontece por um único motivo, que seria o domínio cultural. O autor aventa que essa conduta de imitação seria um sintoma de alienação do sujeito, pois o fato de se identificar totalmente com o outro e de querer ser exatamente como ele é faz com que se abandone a própria identidade cultural.

Leffa (2006) reflete sobre o conceito de “colonização mental” a qual se refere quando a cultura da língua estrangeira é apresentada aos alunos de uma perspectiva extremamente favorável, como uma “ilha da fantasia”. Tal atitude irá contribuir para que os alunos (falantes não nativos) criem a uma percepção de que a cultura estrangeira é melhor do que a sua própria cultura, e que, para ser tornar um falante daquele idioma, é preciso incorporar aspectos culturais referente à língua alvo. Para Leffa (2006, p. 3), essa percepção pauta-se pela seguinte lógica: “Tudo é melhor no país estrangeiro. As casas são mais bonitas, as ruas mais limpas, os automóveis andam mais rápido, os filmes tem efeitos especiais mais dramáticos, etc.”

Nessa lógica, Rajagopalan (2008, p.85) destaca “Os próprios alunos eram, com frequência, convidados/coagidos a se livrarem dos traços da sua cultura, a fim de poderem incorporar a cultura da língua estrangeira. Como se isso fosse a condição essencial para a aquisição da nova língua, da nova cultura!”

Rajagopalan (2019), ao abrir o prefácio do livro “Desestrangeirizar a língua inglesa: um esboço da política linguística”, do autor Anjos, irá destacar que o “World English” é o resultado justamente do que o autor do livro irá definir como desestrangeirização. “Ela deixa de ser estrangeira quando um grande número de pessoas que não nasceram em ambientes onde a língua era de uso comum passam a utilizar o idioma com cada vez mais frequência e em cada vez mais domínios de uso.” (RAJAGOPALAN 2019, p.16).

De acordo com Cox e Assis-Peterson (2017, p.8) que irá explicar que o inglês enquanto ao seu caráter mundializado, que “ele se desprende de suas raízes e ganha existência própria como idioma desterritorializado, apto a ser camaleonicamente apropriado, re-significado, re-entoadado por falantes de diferentes línguas maternas nas interações entabuladas nos fluxos comunicacionais imprevisíveis da modernidade-mundo.”

Desta forma, Rajagopalan (2005, p.151, apud DAMIANOVIC, 2016, p.22) frisa que “a língua inglesa que circula no mundo, que serve como meio de comunicação entre diferentes povos do mundo de hoje, não pode ser confundida com a língua que se fala no Estados unidos, no Reino Unido, na Austrália ou onde quer que seja”. É como se a língua inglesa pelo o *status* que alcançou ao seu nível mundial, não pudesse mais ser considerada como sendo uma língua pertencente apenas a alguns povos de determinados países.

Crystal (2005), por sua vez, avalia que a língua inglesa, ao ser adotada por um vasto número de pessoas em um mesmo país, faz que estes sujeitos desenvolvam o seu próprio inglês. Isto significa dizer que estas pessoas irão emoldurar a sua própria variedade de inglês, não se prendendo assim ao inglês que é falado pelos americanos, ingleses e demais países que eram\ são considerados “donos” da língua inglesa. O autor exemplifica citando o caso de países como a Índia, Gana e Singapura, onde os sujeitos criaram uma variedade própria de inglês falado e, devido a tal fato, acabaram recebendo o nome de “novos ingleses”. O linguista ainda acrescenta que isso aconteceu pela necessidade que os sujeitos destes países sentiram de expressar a sua identidade nacional e que “[...] uma das mais importantes formas de manifestar essa identidade é através da língua.” (CRYSTAL, 2005, p.35).

3 ANÁLISE DAS MATERIALIDADES DISCURSIVAS

Nesta seção, analisamos seis publicações em perfis do *Instagram* voltados para o ensino de língua inglesa. A escolha dos perfis deu-se pelos seguintes critérios: escolas de idiomas voltadas para o ensino de inglês e perfis de professores da língua inglesa. Foram considerados também o número de seguidores, a quantidade de publicações e as interações dos usuários com os conteúdos postados.

Os perfis escolhidos foram: @Change_conversacao, @serfluyenteagora, @Talkthetalk.english, @Inglescombru, @profwillybrasil e @sejafluyente. Nossa perspectiva analítica sobre o *corpus* da pesquisa apoia-se nos pressupostos dos estudos discursivos

foucaultianos, bem como nos autores que defendem o ensino de língua inglesa como pertencente aos povos que fazem uso da mesma para fins comunicativos, conforme visto nos tópicos anteriores.

3.1 *Escola de idiomas Change*

A primeira postagem a ser analisada foi retirada do perfil do Instagram da Change, uma escola de idiomas que oferta cursos presenciais no município de Niterói no estado do Rio de Janeiro. O perfil do Instagram da Change (@change _ conversação) foi criado no dia 3 julho de 2022 e conta atualmente com 847 seguidores nesta rede social.

Figura 1 - Imagina a cena: pra fazer americano achar que você é nativo



Fonte: Perfil do Instagram da Change curso presencial (@Change_conversacao)

Inicialmente destaca-se o enunciado “*inglês ; para fazer americano achar que você é*”

nativo.” Observamos que o enunciado tem como atrativo principal de fazer com que o sujeito enquanto aprendiz de língua inglesa se assemelhe ao máximo com um falante nativo ao ponto de um americano não perceber que se trata de um falante não nativo. Assim, nota-se a figura do americano como o sujeito dominador e que “aprova” se o outro sujeito é qualificado para fazer uso do inglês, uma vez que, ele não faz parte desta cultura hegemônica.

Esse discurso que privilegia o falante nativo como o único sujeito apto a usar a língua e que é visto como um modelo que deve ser seguido, garante ao FN uma posição de poder e prestígio social, que como mencionado anteriormente neste trabalho, é questionada por diversos autores, como Pennycook (1998), Crystal (2005). Assim, em concordância Palma (2011, p.60-61), afirma que “Falar inglês também pode representar, para o falante não-nativo, a submissão a um padrão linguístico e cultural determinado pelo falante nativo de inglês, e a possível supressão de sua identidade cultural na tentativa de se equiparar a esse falante nativo.”

O enunciado “*achar que você é nativo*” como ideia central, pois, por mais apelativa que essa ideia possa ser, é notório que esse tipo de discurso ainda faz parte das principais publicidades de algumas escolas de idiomas, além das mesmas utilizarem a figura do professor nativo para atrair alunos. Conforme Camargo (2006, p.652) “que dispõem de professores “nativos” como uma grande vantagem e até mesmo garantia de um aprendizado melhor, como se o inglês do “nativo” fosse o modelo “autêntico” da língua uma vez que é livre demarcas locais e de mesclas com outras línguas”. Desta forma, tentam assegurar que a “natividade” pode ser alcançado pelo os aprendizes de L2. Posto isso, Fortes (2008) enfatiza que o sujeito- aprendiz é submetido a um modelo de “correto” e “perfeito” a ser alcançado, em virtude da figura do falante nativo ser retratada como possuidor da língua.

a construção de um espaço para o sujeito-aprendiz dá-se, fundamentalmente, com base em uma interdição à perfeição – justamente (e contraditoriamente) ao ideal de perfeição que o aprendiz deverá sempre almejar. Assim, o lugar de aprendizagem torna-se um lugar impossível (inalcançável), já que quem ‘detém’ o conhecimento ‘completo’ da língua é o (idealizado) ‘falante nativo’. Podemos depreender que o país em que se fala a língua representa o lugar de legitimação da aprendizagem: lugar de idealização em que não há falhas (FORTES, 2008, p. 1)

Barbosa (2007) esclarece que a internacionalização da língua inglesa em virtude do número de falantes não nativos que usa esta língua para se comunicar assegura justamente que estes sujeitos não precisem mais imitar ou seguir um modelo idealizado do falante nativo. Sendo assim, o autor destaca que consequentemente “O resultado desse processo será uma apropriação, por parte dos “não-nativos”, dessa língua, com vistas a interesses específicos, sem,

contudo, abrir mão de seus aspectos particulares, garantindo a preservação identitária dos falantes.”(BARBOSA, 2007, p.35)

Outro fato a ser analisado é bandeira da Estados Unidos presente na postagem. Para o discurso que se assume na postagem, essa cultura detém a variedade de inglês prestigiada. Ou seja, o sujeito aprendiz de língua inglesa não deve apenas parecer como um nativo, ele também tem que aprender o inglês que faz parte das culturas consideradas detetoras da língua, neste caso em específico, o inglês americano. David (2005, p.212) explica que “sendo assim, a maioria das pessoas que procuram aprender inglês, buscam sempre aquela variedade que é tida como a padrão, a ideal, o que é para muitos uma forma de ascensão social, de prestígio.” Assim sendo, os aprendizes ainda buscam por um inglês “correto” que é falando nos Estados unidos da América e na Inglaterra, desconsiderando, pois, as outras variedades da língua inglesa pertencente a outros países, por exemplo, Austrália e Nova Zelândia e entre tantos outros países.

Analisando o discurso abaixo da propaganda a palavra “*FÁCIL*” vem em caixa alta, como estratégia para chamar atenção do leitor internauta. Tal palavra *fácil* refere-se a ideia do sujeito aprendiz ser confundido com um falante nativo, neste caso, um falante americano. O objetivo é fazer com que o sujeito adquira traços, características e competência linguística de um nativo. Porém, em contrapartida, Anjos (2019, p.51) argumenta sobre a importância de “conscientizar os aprendizes que não precisam almejar ser o outro, o falante nativo, que a sua subjetividade nacional pode e deve ser mantida, sobretudo quando se trata da aprendizagem de uma língua global.”

Ainda estar presente na postagem o enunciado; “*focado em te ajudar a pronunciar as palavras sem sotaque.*” De acordo com a o dicionário de Oxford Languages a palavra sotaque significa “pronúncia característica de um país, de uma região, de um indivíduo etc.,” A intenção seria anular- dissociar uma propriedade peculiar do sujeito aprendiz, uma vez que o sotaque é característica adquirida pelo o falante a partir de sua origem geográfica. Ou seja, para que o inglês falado por este sujeito seja aceito como legítimo, ele precisa se desvincular de características da sua língua materna, visto que o seu sotaque tornaria o uso do inglês incorreto.

3.2 Ser fluente agora

A segunda postagem foi retirado do perfil do *Instagram* da escola de idiomas ser fluente agora (@serfluenteagora). Além de ofertar cursos de inglês online, tal empreendimento também disponibiliza cursos gratuitos para os seguidores e talvez seja esse um dos diferenciais

que contribuíram para que o perfil do *Instagram* tenham um expressivo e elevado número de seguidores alcançando a marca de 192 mil usuários que acompanham as postagens publicadas diariamente pelo perfil.

Figura 2 – Galera!! Eu desenvolvi um método de estudo que é literalmente a prova de falhas!



Fonte: Perfil do Instagram da escola de idiomas ser fluente agora. (@serfluenteagora)

A postagem traz duas formas de pronúncias da palavra “*cheetos*” (Cheetos é uma marca que engloba vários tipos de *snacks* de farinha de milho, “salgadinho”) consideradas apropriadas e corretas para que o sujeito se assemelhe ao um estrangeiro (“gringo”). Analisando o enunciado “*No Brasil não tem problema falar da forma como falamos.*” Em virtude de pronunciarem a palavra “*cheetos*” de acordo como é falada pelos brasileiros. Assim, compreende-se que o brasileiro aprendiz de inglês desde que esteja em seu local materno poderá pronunciar a respectiva palavra da forma como aprendeu, considerado os campos fonéticos e fonológicos. Dessa forma, a palavra em questão falada pelo o brasileiro não é errada, mas é necessário que o sujeito deixe sua identidade de lado, é preciso ainda, de acordo com a postagem, que ele utilize uma das duas formas de pronúncias consideradas corretas faladas por falantes nativos.

Já no enunciado “*mas se você quer se parecer com um gringo, então fale:*” Veja que a forma que o aluno brasileiro fala a palavra “*Cheetos*” não compromete ou interfere no processo de comunicação. Isto é, o seu interlocutor consegue compreender normalmente o que o ele quis

falar. Ou seja, não há problemas de o sujeito aprendiz pronunciar a palavra em questão de acordo com a sua língua materna. Salles e Gimenez (2020) afirmam que em virtude da globalização que fez com que viesse a ser necessário que uma língua fosse escolhida para possibilitar a comunicação entre os inúmeros falantes de diferentes línguas, ao qual o inglês foi escolhido para tal fato. Atualmente, essa posição a qual a língua inglesa assume implica em incontáveis mudanças, com destaque para uma delas, no que se refere a que a “comunicabilidade” é considerada mais importante do que a semelhança com o falante nativo. As autoras destacam ainda que “É a chance de se usar o inglês para as necessidades da vida moderna sem perder a identidade nacional.” (SALLES; GIMENEZ, 2020, p.27)

Mas ainda é evidente que no ensino de língua inglesa é abordada a questão do sujeito ser equiparado ao um falante nativo. Assim, Barbosa (2010, p.87) explica que “Há uma tendência no ensino/aprendizado de línguas marcada, historicamente, pela crença na homogeneidade e no imitacionismo como procedimentos para se alcançar a “perfeição.” Ou seja, o sujeito só consegue falar inglês bem e correto, se o mesmo falar da mesma forma que os falantes nativos falam. Assim, os sujeitos teriam que “plagiar” o falante nativo, com o propósito de alcançar a aprovação do uso “correto” do inglês.

Camargo (2006) esclarece que aprender uma língua irá envolver muito mais do que aspectos gramaticais, mas que é necessário considerar as representações que estão ligadas a comunidade ao qual o sujeito estar inserido, bem como as particularidades dos contextos enunciativos. O autor ainda acrescenta que devido a isto, “Esse inglês nosso não poderia jamais equivaler ao americano, britânico, canadense ou qualquer outro. Ele seria a variante “inglês brasileiro”.” (CAMARGO, 2006, p.654-655)

Desta forma, analisando os enunciados presentes na postagem, a variedade linguística dos falantes não nativos é marginalizada, e apenas, a variedade linguística padrão dos países hegemônicos são consideradas como apropriadas para o ensino do inglês. Assim, o sujeito-aprendiz é constantemente submetido a situações onde se tem como princípio orientador a aceitação do seu inglês por falantes nativos. Em concordância, Hayashi (2021, p.211) enfatiza que “A chancela do nativo americano/britânico produz distorções de ordem subjetiva, a ponto de o sujeito aqui, os brasileiros, estar em constante súplica pela aprovação e amparo de alguém que parece nunca os prover a contento.”

Ainda destacamos o enunciado presente na descrição da postagem “*Galera!! Eu desenvolvi um método de estudo que é literalmente a prova de falhas!*” A escola de idioma tenta convencer os alunos que, ao se matricular, eles terão acesso ao um método inovador e

que ainda por cima é aprova de falhas. Quer dizer, o sujeito aprendiz de língua inglesa, ou que deseje aprender outra qualquer que seja, vai cometer erros. Incialmente, por estar tendo contato com uma nova língua, que é diferente da sua língua materna. Mas, o indivíduo está sujeito a cometer erros ou ter lapsos durante o próprio uso de sua língua materna, assim consequentemente o sujeito aprendiz também virá a cometer erros durante o uso de uma nova língua, neste caso em específico, o inglês.

3.3 *Talk the talk*

A terceira publicação foi retirada do perfil da escola de idiomas *online Talk the talk* (@Talkthetalk.english) localizada em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Atualmente, a escola de idiomas conta com inúmeros alunos espalhados por mais de sete países. O número de seguidores é de mais de 3 mil usuários.

Figura 3- Uma das melhores sensações de realização que você pode sentir!



Fonte: Perfil do *Instagram* da escola de inglês online Talk The Talk. (@Talkthetalk.english)

A postagem tem como destaque principal para o enunciado “*Quando tenho a primeira conversa com o gringo e entendo tudo.*” Mas uma vez, vemos a figura do estrangeiro sendo o elemento mais importante da postagem. Isso é, como se o propósito a ser alcançado fosse apenas o uso do inglês para se comunicar com um estrangeiro (“gringo”). Observamos ainda que o sujeito presente na propaganda é Barack Obama, ex-presidente dos Estados Unidos durante os anos de 2009 a 2017, sendo umas das figuras mais importantes e ilustres dos últimos anos. Assim, na imagem, Obama está concedendo uma medalha a “ele” mesmo pelo o mérito de ter tido uma conversa com um falante nativo e ter conseguido compreender tudo que foi falado por ele. O ato de receber uma medalha está relacionado a vencer, a uma conquista, à honra e ao mérito. Desta forma, o sujeito está recebendo uma medalha devido ao mérito de ter conseguido compreender um estrangeiro durante a conversação. Porém, o aluno estar recebendo a medalha não é de qualquer pessoa em questão, mas sim, do ex-presidente dos Estado Unidos, Barack Obama. Ou seja, uma das maiores autoridades de uma das culturas de maior poder e prestígio do mundo. E além disso, o fato também que merece destaque é a simbologia de receber a medalha de um falante nativo. Assim, mais uma vez, tem-se a figura do falante nativo sendo tratado como aqueles responsáveis por determinar quais os falantes que estão aptos a falar o inglês.

A materialidade discursiva ainda chama atenção para o problema que o falante nativo fosse o parâmetro que decidi que o inglês falando é legítimo ou não. Deste modo, Palma (2011,p.45) ressalta que “ O falante nativo é, para o aluno, aquele que ‘tem certeza’ do que está certo e errado, ou seja, seria o modelo de falante ideal, com domínio linguístico inigualável e plena consciência das estruturas e do funcionamento da sua própria língua.”

Na descrição da postagem ainda destacamos o enunciado “*É uma das melhores sensações de realização que você pode sentir!* Temos aqui mais uma estratégia que apela para a emoção, ao despertar a curiosidade e a imaginação do aluno de vivenciar a experiência de ter uma conversa com um estrangeiro e conseguir compreender o que foi falado. A propaganda utiliza as emoções para despertar no seu público alvo o desejo de sentir essa “realização”. Assim, Silva Neto (2019, p. 10) afirma que

[...] as emoções não só possuem um papel limitante e/ou facilitador na aprendizagem de língua estrangeira (LE); elas também são capazes de motivar os indivíduos. As emoções dão significado a absolutamente tudo o que nos rodeia. É através delas que os indivíduos inferem ou não um valor significativo às pessoas, aos lugares, e à língua estrangeira que se quer aprender [...] (SILVA NETO, 2019, p. 10)

É compreensível que o sujeito aprendiz de um idioma queira sentir a experiência de conseguir se comunicar com outro sujeito por intermédio deste idioma. Porém, o que se questiona é o fato da figura do estrangeiro como interlocutor. Ou seja, como se essa comunicação/ sensação de realização só fosse garantida se esta interação ocorresse com um falante nativo. Tal discurso é extremamente problemático, devido ao fato de não considerar o inglês como língua franca, onde a comunicação ocorre principalmente entre falantes que não tem a língua inglesa como materna.

3.4 *Nem fala inglês e quer comemorar “valentine’s day”*

A presente postagem foi retirada do Instagram da professora de inglês Bruna Venâncio (@inglescombru). Bruna é bastante conhecida nas redes sociais e sua conta no Instagram tem mais de 21 mil seguidores.

Figura 4 -Nem fala inglês e quer comemorar “valentine’s day”.



Na postagem, um rapaz segura um cartaz com o seguinte enunciado “*NEM FALA INGLÊS E QUER COMEMORAR “ VALENTINE’S DAY”.*”³ O homem que segura o cartaz é uma figura bastante conhecida no Instagram, seu perfil é @ocaradocartaz. Suas publicações se configuram justamente por estar desta forma em todas, mas, o perfil também disponibiliza da imagem do rapaz com o cartaz sem enunciados, onde os demais perfis podem colocar os seus próprios enunciados, como podemos observar neste caso. O destaque inicial consiste em condicionar o sujeito a comemorar uma data festiva da cultura estadunidense à aprendizagem da língua inglesa. Nessa ótica, o sujeito que não sabe falar em inglês não teria o direito de celebrar/ participar de datas comemorativas de outros países. Em suma, o inglês seria o passaporte que autoriza o sujeito a vivenciar tal experiência.

Assis-Peterson e Cox (2007) explicam que o Inglês é atualmente a língua usada para os fins comunicativos dos setores mais importantes da sociedade. Assim, saber falar inglês é ter acesso a esse universo. “Diante da constatação de que o inglês é a língua corrente na rede, na comunidade científica, no mundo dos negócios e no turismo, ele diz ser inevitável não pensar, por um lado, que o inglês exclui aqueles que não o falam.” (ASSIS- PETERSON; COX, 2007, p. 09) Em concordância, Lima (2008) enfatiza que aprender inglês nos dias atuais se tornou uma necessidade de boa parte da sociedade, isso em decorrência da posição que a língua inglesa ocupa atualmente.

Não é á toa, portanto , que falar inglês hoje passou a ser, além de um anseio, uma necessidade de grande parte da população, em que são exigidos habilidade, flexibilidade e conhecimento para que o indivíduo possa participar da economia, da cultura e da tecnologia da comunidade desse mundo sem fronteiras.(LIMA, 2008, p. 33).

Recentemente, o caso do jovem Iran de Santana Alves, mais conhecido popularmente na internet como Luva de Pedreiro, nos fez refletir como não saber falar inglês pode se configurar como um meio de exclusão. Tudo aconteceu quando o influencer brasileiro estava presente na cerimônia de entrega da bola de ouro⁴, durante uma entrevista em Paris, onde o

³ O dia são Valentim é comemorado nos Estados unidos no dia 14 de fevereiro. Valentim era um bispo que foi contra a decisão do imperador Cláudio II a banir a realização dos casamentos na época da guerra. Assim, o bispo continuou a celebrar as uniões e em pouco tempo foi descoberto sendo condenado a morte. Em homenagem ao bispo Valentim, o dia 14 de fevereiro é também conhecido como o dia dos namorados, conhecido como Valentine’s day.

⁴ Bola de ouro é um prêmio de futebol criado pela revista francesa France Football que é entregue ao melhor jogador do mundo do repectivo ano.

jovem precisou usar o tradutor para falar com a imprensa. Devido a este motivo, quase que instantaneamente, o jovem influencer recebeu incontáveis críticas, onde as pessoas julgavam que ele não deveria estar presente no evento por não saber falar inglês. Após toda essa repercussão a respeito do caso, o luva de pedreiro usou a rede social Instagram para se pronunciar, o jovem influencer disse em seu discurso que desde de criança precisou trabalhar para ajudar a família e que assim como vários outros garotos não teve a oportunidade de dedicar-se somente ao estudo, e que não sabe realmente falar inglês devido ao fato de não ter tido oportunidade.

Destaca-se que os sujeitos queriam que o jovem Iran não tivesse aceitado o convite de honra para acompanhar a premiação mais importante do futebol mundial. Observa-se uma dicotomia em relação ao inglês, enquanto defende-se o ensino de língua inglesa em virtude do sujeito poder ocupar posições importantes perante a sociedade, de ter acesso aos meios de informações e comunicações, além de por intermédio do saber usar esta língua para se comunicar assegurar que esse sujeito alcance conhecimento, em contrapartida, a mesma língua que garante ao sujeito ter direito a este mundo idealizado, neste caso em específico, o não saber falar este idioma representa para o influencer a exclusão deste mundo de prestígio. Uma vez que o jovem Iran conseguiu alcançar uma posição de destaque em consequência do sucesso dos seus vídeos na internet.

Mas um dado que faz necessário ser destacado é que, de acordo com uma pesquisa recente realizada pela British Council, mostra que apenas 1% da população brasileira fala inglês fluentemente. Assim, levanta-se outra questão em relação à língua inglesa, que seria o fato desta língua estar relacionada à elite. Isso em decorrência das narrativas que na escola pública não se conseguem aprender inglês e que para tal fato seria necessário recorrer aos cursos de idiomas. Conforme Pereira (2005) podemos compreender que o privilégio do cursinho de inglês em detrimento da escola pública constitui e reforça um discurso de discriminação das classes mais pobres, aos quais estes não têm acesso aos cursos de idiomas por não terem condições financeiras de pagar por eles, em contrapartida, os sujeitos que fazem parte da elite se garante em sua posição de privilégio e prestígio social, uma vez que podem pagar por estes cursos.

Em virtude disso, o inglês para o sujeito se torna um meio de conseguir acesso ao que lhe foi “negado”. Assim, o sujeito- aprendiz de língua inglesa tem o desejo de ser reconhecido como legítimo neste meio. Palma (2011) mostra que aluno, mais precisamente, o brasileiro ver no inglês a possibilidade de pertencente/ocupar o lugar do falante nativo que pertence ao culturas hegemônicas.

Essa atitude com relação à própria língua é bastante significativa: a aprendizagem da língua inglesa constitui, para o aluno brasileiro, um meio de ocupar o lugar do falante nativo, o qual representa tudo aquilo que esse sujeito- aluno não é e não tem, mas deseja ser e possuir. Sob um viés psicanalítico, esse é um sujeito desejante, como já mencionamos anteriormente; um sujeito que se constitui pela falta: por sentir que lhe falta a competência numa língua internacional e por considerar-se, em geral, inferior em relação ao falante nativo. (PALMA, 2011, p.64)

Ainda analisando a publicação, na legenda da publicação contém a seguinte frase “*só trago verdades*” percebe que o posicionamento discursivo assumido pelo o perfil tem o desejo de ser aceito como verdadeiro. Foucault (2006) explica que todos os discursos carregam uma vontade de verdade e isso se articula sensivelmente com as relações de poder. Por isso, é importante analisar o que subjaz o desejo de poder que leva a uma lógica segundo a qual discordar da postagem seria estar errado, estaria na ordem do falso. Assim Foucault (2006) explica:

[...] se levantar-mos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se (FOUCAULT, 2006, p. 14).

Assim, o posicionamento discursivo exposto pelo o perfil atesta o teor de verdade da publicação, busca levar o público a aceitar o fato de que apenas os sujeitos que sabem falar inglês estão autorizados a comemorar o Valentine's Day. O grande número de curtidas⁵ na postagem chama atenção (1.732 curtidas e com 54 comentários). Isto significa que o discurso presente nesta publicação alcançou muitos usuários e as reações de aprovação foram significativas. Isso demonstra que esses discursos encontram eco num contexto em que não se aprofunda a exclusão dos que não têm condições e acesso ao inglês.

3.5 Professor Willy: Nosso curso de pronúncia está pronto!

A publicação foi retirada do perfil @*profwillybrasil*, que pertence ao professor Willy, onde o mesmo oferta cursos de inglês para a conversação. O perfil no *Instagram* tem como

⁵ A opção de curtir/ reagir uma publicação no instagram, é representada pelo o símbolo do coração onde o usuário pode clicar nesse ícone que fica logo abaixo do conteúdo publicado ou pode clicar duas vezes em cima do post. Refere-se a ideia que o usuário gostou daquele conteúdo e que concorda com aquilo que viu.

público alvo alunos que desejam aprender inglês nesta plataforma digital e conta com um total de mais de 6 mil seguidores.

Figura 5- Nosso curso de pronúncia está pronto!



Fonte: Perfil do Instagram do professor Willy (@profwillybrasil)

Primeiramente, observa-se a imagem de uma mulher loira, branca, magra e que está em um restaurante, consumindo aparentemente café. Nota-se que aqui retrata o estereótipo feminino que faz parte da elite. Assim, como já mencionado anteriormente, o discurso que o inglês pertence as classes mais ricas ao qual possuem um maior poder de consumo. Além disso, a imagem ainda sugere que a ela estar falando inglês falado por americanos, isso em virtude de ter um balão completamente preenchido⁶ com a bandeira dos Estados Unidos. A legenda da postagem ainda traz a seguinte enunciado em caixa alta: *NOSSO CURSO DE PRONÚNCIA ESTÁ PRONTO!*

Compreende-se que, ao usar a bandeira dos Estados Unidos, tem-se uma estratégia de *marketing* para chamar a atenção dos possíveis alunos, dado que o sujeito- aprendiz almeja falar o inglês que pertence aos países hegemônicos. Para Viegas (2018), é importante que os alunos que desejam aprender língua inglesa considerem como legítimas as variedades do Inglês falado por outros países que não fazem parte das culturas dominantes. A autora explica que

⁶ Balão de diálogo é um recurso gráfico muito utilizado em quadrinhos, tirinhas para permitir e expressar falas dos personagens. Isto é, os balões representam as falas e também os pensamentos dos personagens.

“Primeiramente, é necessário desmitificar a ideia de que muitos alunos (e muitas vezes professores) têm de que a Língua Inglesa é dividida apenas em inglês britânico e americano, como se fossem as únicas duas variedades existentes.” (VIEGAS, 2018, p. 6)

Ainda analisando a postagem, nota que na descrição é feita algumas perguntas aos usuários. Logo após todos os questionamentos é escrito seguinte afirmação *“Não importa a razão, se você tiver a vontade de falar e entender inglês americano da forma correta, nosso curso de pronúncia é para você!”* Mas uma vez o inglês americano é usado como elemento para conquistar mais alunos.

Figura 6- inglês Americano da forma correta

117 curtidas

profwillybrasil NOSSO CURSO DE PRONÚNCIA ESTÁ PRONTO!

Você quer aprender inglês? Você está começando a sua jornada de aprender inglês agora? Ou você já entende algumas coisas, mas não consegue ser entendido? Você já é avançado mas quer melhorar o seu sotaque em ingles?

Não importa a razão, se você tiver a vontade de falar e entender inglês americano da forma correta, nosso curso de pronúncia é para você!

Fonte: Perfil do Instagram do professor Willy (@profwillybrasil)

Barbosa (2010) defende que na conjuntura atual, a língua inglesa não pode ser vista mais como pertencente apenas aos falantes nativos deste idioma. “O inglês, diante da sua dimensão global, não pode mais ser visto como língua de propriedade dos falantes monolíngues. E assim sendo, não faz sentido tê-los como padrão a ser seguido, especialmente, no que tange à precisão na pronúncia.” (BARBOSA, 2010, p.89). Porém, é inegável a presença de elementos ou até nos próprios discursos das propagandas de escola de idiomas que remete a figura do falante nativo pertencente as culturas dominantes com propósito principal de atrair um número cada vez maior de alunos. Ou seja, infelizmente não há uma preocupação em compreender a dimensão que o inglês tomou e desconsideram as variedades da língua inglesa falada nos países de menor ascensão. Além de alimentar um falso mito que os falantes nativos são os donos da língua.

3.6 Escola de idiomas: seja fluente!

A última postagem foi retirada do perfil da escola de idiomas seja fluente (@seja_fluente). A escola de idiomas conta hoje com mais de 800 alunos matriculados, de acordo com os números publicados no perfil. O número de seguidores nesta rede social é de 711 seguidores.

Figura 7- aprenda a falar inglês com um professor nativo.



.Fonte: Perfil do Instagram escola de idiomas seja fluente(@ seja_fluente)

O primeiro enunciado refere -se “*Saber conversar com outra pessoa, em outro idioma, irá passar uma visão mais confiante sobre você.*” O discurso usado com sentido da fazer com que o sujeito pense a importância de como o outro lhe ver. Nesse sentido, a propaganda tenta convencer o sujeito quer saber falar outro idioma, irá mostrar que ele é superior a aqueles que não sabem.

Outro enunciado presente na publicidade diz respeito há “*Já que terá uma impressão de que você estará á frente de outras pessoas intelectualmente.*” Desta forma, analisando como a língua inglesa vem se expandido pelo o mundo todo, alguns teóricos como Pennycook (1994) e Gimenez (2006) frisam que é de extrema importância pensar como esta expansão vem acontecendo nos países onde não se falam inglês como língua materna. Para estes dois teóricos, não se podem pensar na língua de forma isenta. Em virtude da língua estar ligada inteiramente

com o poder e prestígio. Nesta lógica, a propaganda acima faz uso de um discurso com o objetivo de levar o sujeito a pensar que ao saber falar inglês, ele se tornará superior em relação aos outros sujeitos que não sabem falar esta língua. Além de induzir ao sujeito que saber falar inglês irá lhe garantir ocupar uma posição de poder e de maior prestígio perante aos outros sujeitos.

Na legenda ainda é utilizada outra propaganda de *marketing* bem conhecida e corriqueira entre as escolas de idiomas, que é o fato de colocarem um professor nativo para ensinar: “*Aprenda a falar inglês com um professor nativo.*” Perante o exposto, Barbosa (2011 p.88) afirma que “Sabendo disso, e da aceitação natural dessa prática, as escolas de idiomas exploram bem esse marketing, trazendo professores “nativos” para ministrar cursos, a maioria deles, contudo, conhecem apenas a língua.” O fato é que a figura do professor nativo ainda é vista por alguns aprendizes como o professor “perfeito” no ensino da língua, posto que, este indivíduo pertencente aos países que faz parte das culturas dominantes e vistas como detentoras da língua.

Porém, o problema é que quando o professor nativo é visto desta forma, como sendo o modelo ideal para o ensino de língua inglesa, em contrapartida, o professor não nativo é tido como inferior ou menos preparado para ministrar aulas deste idioma. Barbosa (2010) explica que o contrário dessa concepção idealista da figura do professor nativo, o professor bilíngüe é quem deveria ser notado desta maneira

O contrário é o que deveria ser normal, pois o professor brasileiro, bilíngüe, do inglês, tem inúmeras vantagens em relação à maioria dos professores monolíngües, dentre elas, destacamos: 1) domina tanto a L1, dos seus aprendizes, quando a L2, compreendendo as influências recíprocas que uma exerce sobre a outra; 2) passou pela experiência de ter aprendido a L2, o que lhe dá o know-how necessário para compreender o processo e dilema inerente ao aprendizado; 3) torna-se um modelo mais realista, especialmente no tocante à pronúncia, já que o aprendiz não terá a difícil - senão impossível – tarefa de falar como um “nativo”; e 4) ciente da realidade social dos seus alunos, poderá, ainda que intuitivamente, dar um melhor direcionamento às atividades propostas pelo material didático. (BARBOSA, 2011, p.88)

Deste modo, os três enunciados destacados na postagem anterior tem a presença do mesmo elemento, que é de induzir o sujeito a pensar que saber falar um idioma lhe garante exercer uma relação de poder sobre o outro que não tem a mesma competência linguística. Além de associar o falante nativo como um modelo padrão, principalmente, se este pertence as culturas consideradas como possuidoras desta língua. Ainda mostra a figura do professor nativo como ser mais qualificado para ensinar o inglês, desconsiderando e colaborando para que as

narrativas que a língua inglesa é posse daqueles que nasceram nos países que tem este idioma como língua materna.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante exposto, objetivamos nesta pesquisa discutir e analisar como os discursos acerca da língua inglesa que circulam na rede social Instagram estabelecer relações de poder. Verificando ainda, como tais discursos possibilitam a construção de verdades acerca do idioma e exaltando a figura do falante nativo como sendo o único capaz de fazer uso desta língua, além de perpetuar o status de poder como língua de prestígio social.

Em todas as postagens dos perfis de Instagram analisadas, percebemos que os discursos presentes colaboram para que as relações de poder sejam estabelecidas. Isso é, nas construções das materialidades discursivas, o inglês é representado por dois vieses. No primeiro, o inglês é mostrado com uma língua que possibilita o sujeito ter acesso ao mundo dos negócios, da elite e do consumo, além de mostrarem que o sujeito só se torna apto para usar a língua inglesa se este foi “autorizado” pelo o falante nativo, tendo em vista que FN é tido como autoridade a respeito do uso da língua. Ainda destaca-se que o falante nativo tem que pertencer às culturas hegemônicas, com destaque para os elementos presentes nos discursos que rementiam a cultura norte- americana. Já no segundo viés, a língua inglesa se configura como um meio de exclusão para aqueles que não sabem falar esta língua. Assim, os sujeitos que não domina o inglês são condenados a não ocuparem as posições de prestígio social.

Como mencionado anteriormente, nas análises das materialidades discursivas retiradas dos perfis de Instagram notou-se que em todos foram adotados a representação do mito do falante nativo. As escolas idiomas destacavam a figura do professor nativo para atrair os sujeitos aprendizes de inglês. Como se o professor nativo fosse superior ou melhor apenas pelo o fato de ter nascido nos países ao qual ainda são considerados como os donos da língua. Ainda estavam presente em esses discursos as ideias arraigadas acerca que o inglês deve ser considerado como uma língua única e exclusiva da elite. Nas materialidades discursivas, foi possível identificar o estereotipo da figura feminina que faz parte das classes ricas e de maior poder aquisitivo.

Vale salientar que esta pesquisa possibilita, numa posterioridade, uma investigação mais detalhada destas e de outras materialidades discursivas que apresentam o sujeito em relação ao ensino de língua inglesa como idioma de poder e de ascensão social. Ainda destaca-se, que se

faz necessário e indispensável pensar em como essas relações de poder, mostradas e analisadas no *corpus* dessa pesquisa, se constituem e englobam todos os sujeitos (FOUCAULT, 2008).

Desta forma, como futura professora de língua inglesa é extremamente pertinente estar atenta para quais os discursos que circulam nos meios de comunicação, uma vez que, com a ascensão das redes sociais em virtude da globalização, os sujeitos das mais diferentes faixas de etárias estão conectados entre si e consomem estas informações a respeito da língua. Desta forma, é importante que durante o ensino de língua inglesa nós enquanto professores devemos contribuir para que ocorra desmitificação de que o inglês pertence a determinados povos ou que existem uma variante superior em relação às demais.

REFERÊNCIAS

ANJOS, F. Almeida dos. **Desestrangeirizar a língua inglesa**: um esboço da política linguística. – Cruz das Almas/BA : UFRB, 2019.

ASSIS-PETERSON, A.A.; COX, M.I.P. 2007. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. **Calidoscópio**, São Leopoldo, Vol. 5, No. 1, jan/abr 2007, p.5-14

BARBOSA, J. R. A. Nem britânico, nem americano: o ensino da pronúncia do inglês como língua internacional. **Rev. de letras**, São Paulo- vol 30- 1\4. Jan:2010 / dez.2011.

BARBOSA, J. R. A. **Abordagem do professor de inglês em relação à pronúncia dos aprendizes**. Fortaleza: 2007 (Tese de Doutorado – UFC)

BERGER, MARIA AMÁLIA FAÇANHA. **O papel da língua inglesa no contexto de globalização da economia e as implicações do uso das NTICs no processo de ensino aprendizagem desse idioma** / Maria Amália Façanha Berger. – São Cristóvão, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL é o 3º país com mais usuários ativos no Instagram em 2021. **ABC repórter diário**. São Paulo, 15 de abril de 2021. Disponível em > <https://abcreporter.com.br/2021/04/15/brasil-e-o-3o-pais-com-mais-usuarios-ativos-no-instagram-em-2021/>> Acesso em 8 de setembro de 2022.

BRASIL tem 1% da população fluente em inglês. **Educa mais Brasil**. 17 de julho de 2022. Disponível em > <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/brasil-tem-1-da-populacao-fluente-em-ingles>. >Acesso em 6 de setembro de 2022.

CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 (Trad. de Ricardo Quintana).

CHANGE,conversação.Pra fazer americano achar que você é nativo.10 de agosto de 2022.

Disponível em Instagram>

<https://www.instagram.com/p/ChFXjwLu1Ic/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>Acesso em 16 de agosto de 2022.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. In.: Saussure, F.; Jakobson, R.; Hjelmslev, LT & Chomsky, N. Textos selecionados, 1978.

DAVID, Patricia Denicoló. O inglês no mundo: língua de prestígio. **Trama**, v. 1, n. 2, p. 209-215, 2005.

DAMIANOVIC, M. C. Aprender Inglês para não perder o bonde da história. **SOLETRAS**, Ano VI, Nº 12. São Gonçalo: UERJ, jul./dez.2006

DE ALMEIDA, Ricardo Luiz Teixeira; SILVA, Flávia Matias. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA SOB UMA PERSPECTIVA PLURILÍNGUE: POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR. **INTERLETRAS**, Dourados, ISSN Nº 1807-1597. V. 6, Edição número 25, Abril/Setembro 2017.

DE ASSIS ARAUJO, Vanessa. ENSINO/APRENDIZAGEM DE INGLÊS NO INSTAGRAM. In: **Anais do CIET: EnPED: 2020**-(Congresso Internacional de Educação e Tecnologias| Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância). 2020.

DE CAMARGO, Helena Regina Esteves. Uma Língua Inglesa para chamar de minha: equívocos sobre o bom falante de inglês. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 651-665, 2016.

EM 95% dos artigos científicos, inglês cria ‘ditadura da língua’. Apenas 1% está em português e espanhol. **EL País** . 28 julho de 2021. Disponível > <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-07-28/em-95-dos-artigos-cientificos-ingles-cria-ditadura-da-lingua-apenas-1-esta-em-portugues-e-espanhol>. > Acesso em 5 de agosto de 2022.

FIGUEREDO, C.J. O falante nativo de inglês versus o falante não-nativo: representações e percepções em uma sala de aula de inglês. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 67-92, 2011.

FORTES, Laura. **Sentidos de'erro'no dizer de professores de inglês/língua estrangeira: uma reflexão sobre representações e práticas pedagógicas**. 2008. Dissertação de Mestrado.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no College de France.Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo, Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M . **Microfísica do poder**. organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 4 ed. 1984.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**, Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 2010.

GIMENEZ, Telma et al. Referências recentes sobre língua inglesa, mídia e escola no contexto brasileiro. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 9, n. 1, p. 251-266, 2006.

GRADDOL, David. **English next**. London: British council, 2006.

HAYASHI, Renan Kenji Hayashi. Sotaque americano/britânico no Brasil: fetiche bovarista. **Revista da Anpoll**, v. 52, n. 2, p. 196-217, 2021.

HERNANDEZ, Maria Inês de Oliveira. **O discurso de materiais digitais de ensino de inglês para negócios: conflito de vozes na constituição de subjetividades do sujeito corporativo num mundo globalizado**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

HIGGINS, C. “Ownership” of English in the outer circle: an alternative to the NS-NNS dichotomy. **TESOL Quarterly**, v. 37, n. 4, p. 615-643, 2003.

Kachru, B. “Standards, Codification and Sociolinguistic Realism: The English Language in the outer circle”. In: Quirk R., Widdowson H. (Eds). **English in the World**. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 1985.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Papirus Editora, 2013.

LE BRETON, J-M. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola, 2005, p.12-26.

LEFFA, V. J. Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional. In: KARWOSKI, A. M.; BONI, V. de F. C. V. (Orgs.). **Tendências contemporâneas no ensino de inglês**. União da Vitória, PR: Kaygangue, 2006.

MAGALHÃES, J. R. R. **Dicionário de curiosidades verbais**. 1999.

MOITA LOPES, L. P. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. **DELTA**, vol.24, n.2, p. 309-340, 2008.

MOITA LOPES, L. P. de “Yes, nós temos bananas” ou “Paraíba não é Chicago, não”: Um estudo sobre a alienação e o ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil. In L. P. de Moita Lopes (Ed.), **Oficina de Lingüística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p.37-62.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Mercado de Letras, 2002.

MUNDO se aproxima da marca de 5 bilhões de usuários de internet, 63% da população. Insper. 15 de fevereiro de 2022. Disponível em > <https://www.insper.edu.br/noticias/mundo-se-aproxima-da-marca-de-5-bilhoes-de-usuarios-de-internet-63-da-populacao/> .> Acesso em 16

de agosto de 2022.

NETO, Vicente Rodrigues da Silva. **Emoções em Evidência na Prática do PIBID Letras-Inglês da UFPB: Em busca do Letramento Emocional**. 2019.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PALMA, Ana Maria Balboni. **Representações de falantes nativos e não-nativos de inglês no discurso de alunos brasileiros: (des) construindo oposições binárias**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an international language**. Routledge, 2017

PEREIRA, Paula Graciano. Reflexões Críticas sobre o Ensino-Aprendizagem de Inglês como Fator de Inclusão ou Exclusão Social. **BELT-Brazilian English Language Teaching Journal**, v. 6, n. 1, p. 12-28, 2015.

PILATTI, Andriele; SANTOS, Maria Elisabete Mariano dos. O domínio da língua inglesa como fator determinante para o sucesso profissional no mundo globalizado. **Secretariado Executivo em Revista**, v. 4, n. 4, p. 1-16, 2011.

RAJAGOPALAN, K. Prefácio. In: ANJOS, F. A. **Desestrangear a língua inglesa: um esboço da política linguística**. Cruz das Almas/BA : UFRB, 2019.

RAJAGOPALAN, K. O ensino de inglês no contexto de transformação social. In: **vozes, olhares, silêncios : diálogos transdisciplinares entre a linguística aplicada e a tradução** / Denise Scheyerl, Elizabeth Ramos (Organizadoras). - Salvador : EDUFBA, 2008

RECUERO, RAQUEL. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SEJA FLUENTE. **Saiba iniciar uma conversa em inglês São paulo**. 7 de jun. de 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CP0tFKKnK1g/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> . Acesso em 4 de junho de 2022.

SALLES, Michele Ribeiro; GIMENEZ, Telma. Ensino de inglês como língua franca: uma reflexão. **Revista BELT**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 26-33, 2010.

SER FLUENTE AGORA. **Você fala cheetos corretamente?**. 4 de julho de 2022. Disponível em : <https://www.instagram.com/p/Cfmma0HulhM/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> . Acesso 13 de agosto de 2022.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3 ed. Rev. Atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SIQUEIRA, D. S. P.; ANJOS, F. A. dos. (2011). **Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento**. Ponta Grossa, Muitas Vozes , v.1, n.1, p. 127-149. 2011

SIQUEIRA, S. Inglês como língua franca não é zona neutra, é zona transcultural de poder: por uma descolonização de concepções, práticas e atitudes. **Línguas & Letras**, Cascavel- Paraná, 2018 p. 93-11.

SCHEYERL, Denise; RAMOS, Elizabeth (Ed.). **Vozes, olhares, silêncios: diálogos transdisciplinares entre a lingüística e a tradução**. SciELO-EDUFBA, 2008.

TALK THE TALK ENGLISH. **Quando tenho a primeira conversa com o gringo e entendo tudo** Ribeirão Preto. 24 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CODs3CXLADS/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> >Acesso em 4 de agosto de 2022.

VASCONCELOS, Daniel; SIQUEIRA, Sávio. **COVID-19, um país fraturado e o inglês no meio**.

VENÂNCIO, Bruna. **Só trago verdades**. Itaperuna. 1 de março de 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B9M_3q0HV7B/?igshid=YmMyMTA2M2Y= .Acesso em 1 de agosto de 2022.

VIAN JR, Orlando. **Língua e cultura inglesa**. IESDE BRASIL S.A, Curitiba 2012.

VIEGAS, Maiara Rosa. O inglês como língua internacional e o papel do falante nativo: um estudo em cursos de línguas em porto alegre. **Revista do GELNE**, v. 20, n. 2, p. 3-15, 2018.

WALESKO, Angela Maria Hoffmann. **Formação inicial e o mito do "falante nativo": construções identitárias de professores de inglês em uma comunidade de prática**. 2019.

WILLY,P. **Nosso curso de pronúncia está pronto!** 20 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BuHELPOHdi3/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 1 de agosto de 2022.